

## Onde estão as raízes do nosso ser?

Pois mergulham primeiramente no mais insondável passado. Que mistério o das primeiras células que um dia foram animadas pelo espírito vital da nossa alma! Que indecifrável síntese de influências sucessivas em que estamos para sempre incorporados! É em parte a história toda do Mundo que se representa em cada um de nós através da Matéria. Por mais autónoma que seja a nossa alma, ela é a herança de uma existência prodigiosamente trabalhada, antes dela, pelo conjunto de todas as energias terrestres: ela encontra-se com a Vida e junta-se a ela num nível determinado. — Ora, apenas se encontra introduzida no Universo nesse ponto particular, ela sente-se, por sua vez, assediada e penetrada pela onda das influências cósmicas que há-de ordenar e assimilar. Olhemos à volta de nós: as ondas vêm de toda a parte e do fundo do horizonte. Por todas as vias, o sensível nos inunda com as suas riquezas: alimento para o corpo e repasto para os olhos, harmonia dos sons e plenitude do coração, fenómenos desconhecidos e verdades novas, todos esses tesouros, todas essas excitações, todos esses apelos vindos dos quatro quadrantes do mundo, atravessam a cada instante a nossa consciência. Que vêm fazer em nós? Que farão em nós, mesmo que, semelhantes a maus trabalhadores, nós os recebamos com passividade e com indiferença? Introduzir-se-ão no mais íntimo da nossa alma para a desenvolver ou para a envenenar. Observemo-nos um momento e ficaremos persuadidos disto ou com entusiasmo ou com angústia. Se o alimento mais humilde ou mais material é já capaz de influir profundamente nas nossas faculdades mais espirituais, que dizer das energias infinitamente mais penetrantes trazidas pela música dos matizes, das notas, das palavras, das ideias? Não há em nós um corpo que se alimente com independência da alma. Tudo o que o corpo admitiu e começou a transformar, a alma tem por sua vez de o sublimar. Ela faz isso à sua maneira e segundo a sua dignidade, sem dúvida. Mas não pode fugir a este contacto universal nem a este labor de todos os instantes. E assim se vai aperfeiçoando nela, para sua felicidade e correndo riscos, a capacidade particular de compreender e de amar, que constituirá a sua mais imaterial individualidade. Nós não sabemos em que proporção, nem sob que forma, as nossas faculdades naturais passarão para o acto final da visão divina. Mas não podemos duvidar de que, ajudados por Deus, não arranжемos uns olhos e um coração cuja transfiguração final fará deles os órgãos de uma capacidade de adoração e de beatificação próprios a cada um de nós.

Deus não quer senão as almas, repetem à porfia os mestres da vida espiritual. Para dar a estas palavras o seu justo valor, não esqueçamos que a alma humana por mais criada à parte que a nossa filosofia a imagina, é inseparável, no seu nascimento e na sua maturação, do Universo onde nasceu. Em cada alma Deus ama e salva parcialmente o Mundo inteiro, resumido nesta alma dum modo particular e incomunicável. Ora, este resumo e esta síntese não nos são dados totalmente acabados com o primeiro despertar da consciência. Somos nós que devemos, pela nossa actividade, reunir industriosamente os seus elementos espalhados por toda a parte. O trabalho da alga que concentra nos seus tecidos as substâncias disseminadas, em doses infinitesimais, nas toalhas imensas do Oceano, — a habilidade da abelha que forma o mel dos sucos dispersos em tantas flores, — não são senão uma pálida imagem da elaboração contínua que sofrem em nós, para se tomarem espírito, todas as forças do Universo.

E assim, cada um, no decurso da sua vida presente, não deve só mostrar-se obediente e dócil. Pela sua fidelidade, deve *construir*, começando pela zona mais natural de si mesmo, uma obra, um «opus», onde entre alguma coisa de todos os elementos da Terra. Em todo o decorrer dos seus dias terrestres **ele faz a sua alma**. E ao mesmo tempo, colabora numa outra obra, num outro «opus», que ultrapassa, infinitamente, orientando-as no entanto de perto, as perspectivas do seu êxito individual: o acabamento do Mundo. Porque é preciso não esquecer isto também, ao apresentar a doutrina cristã da salvação: no seu conjunto, isto é, na medida em que constitui uma hierarquia de almas, — que só aparecem sucessivamente, que só se desenvolvem colectivamente, que só se completarão unitariamente —, o próprio Mundo sofre uma espécie de vasta «ontogénese», da qual o desenvolvimento de cada alma, por virtude das realidades sensíveis, não é senão um harmónico reduzido. O Mundo, pelos nossos esforços de espiritualização individual, acumula lentamente, a partir de toda a matéria, o que fará dele a Jerusalém celeste ou a Terra nova.